

CORPOREIDADE E SAÚDE MENTAL: ATUAÇÃO DA GESTALT-TERAPIA COM GRUPOS

Embodied and Mental Health: the role of Gestalt therapy with groups

Ana Paula Chagas Monteiro Leite¹

RESUMO

A Gestalt-terapia compreende o ser humano como uma totalidade integrada, em que organismo constitui corpo, emoção e cognição como dimensões inseparáveis da experiência. Nesse contexto, a corporeidade assume papel fundamental no processo de autoconhecimento, especialmente no trabalho com grupos, no qual o campo relacional amplia as possibilidades de contato e *awareness*. Além disso, a ampliação da consciência da experiência tem implicações relevantes para a promoção da saúde mental, particularmente quando considerada em sua dimensão coletiva e relacional. O presente artigo tem como objetivo discutir a importância da corporeidade na Gestalt-terapia aplicada a grupos, destacando sua contribuição para o desenvolvimento de *awareness* e para a promoção de processos de saúde mental no âmbito coletivo, com particular interesse na promoção, prevenção e recuperação de saúde integral no âmbito público do Sistema Único de Saúde. Trata-se de uma reflexão teórica fundamentada em princípios da abordagem gestáltica, contribuições teóricas sobre saúde mental e coletiva e legislações. Conclui-se que a atenção à experiência corporal no contexto grupal favorece a ampliação da consciência de si e do campo relacional, constituindo um recurso importante para intervenções em saúde mental coletiva.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Corporeidade; Awareness; Saúde mental coletiva; Grupos.

ABSTRACT

Gestalt therapy understands the human being as an integrated whole, in which the organism constitutes body, emotion, and cognition as inseparable dimensions of experience. In this context, corporeality assumes a fundamental

¹ Doutora em Psicologia, psicóloga clínica e supervisora, pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Políticas Públicas de Saúde/Saúde Mental (GPPS/UFSC) - anapcmonteiroleite@gmail.com

role in the process of self-knowledge, especially in group work, where the relational field expands the possibilities of contact and awareness. Furthermore, the expansion of awareness of experience has relevant implications for the promotion of mental health, particularly when considered in its collective and relational dimension. This article aims to discuss the importance of corporeality in Gestalt therapy applied to groups, highlighting its contribution to the development of awareness and the promotion of mental health processes in the collective sphere, with particular interest in the promotion, prevention, and recovery of integral health within the public sector of the Unified Health System (SUS). This is a theoretical reflection grounded in principles of the Gestalt approach, theoretical contributions on mental and collective health, and legislation. It concludes that attention to bodily experience in the group context favors the expansion of self-awareness and the relational field, constituting an important resource for interventions in collective mental health.

KEYWORDS: Gestalt therapy; Embodied; Awareness; Collective mental health; Groups.

1 Introdução

No Brasil, as políticas públicas de saúde, organizadas no âmbito do Sistema Único de Saúde, valorizam práticas de cuidado que consideram a dimensão coletiva da experiência e a promoção de vínculos sociais.

A discussão sobre saúde mental tem sido profundamente influenciada pelas transformações promovidas pela Reforma Psiquiátrica Brasileira Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001, que propôs a superação de modelos centrados na institucionalização e enfatizou práticas de cuidado territorializadas, interdisciplinares e comunitárias (Brasil, 2001). A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) destacou o funcionamento dos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) e na Portaria 3.588/2017 encontram-se as diretrizes que fundamentam a criação de grupos terapêuticos e Oficinas Terapêuticas na política de saúde. Esse movimento contribuiu para a construção de uma rede de atenção psicossocial que valoriza o cuidado em liberdade, a participação social e a promoção da saúde mental em contextos coletivos (Brasil, 2017).

Para além da política de reforma do âmbito da saúde mental no Brasil, também é possível identificar na Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) -

Portaria nº 2.488/2011 que dentro da organização da atenção básica e, em seus princípios, o trabalho em grupo é compreendido como uma ferramenta essencial de cuidado, promoção da saúde e educação em saúde nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e equipes de Saúde da Família (ESF) (Brasil, 2011).

Também a Lei Orgânica da Saúde (Lei nº 8.080/1990) aponta a criação de grupos terapêuticos, conforme a necessidade local, como premissa dos princípios de integralidade e descentralização do SUS (Brasil, 1990).

A Política Nacional de Humanização (HumanizaSUS) recomenda o uso de grupos, rodas de conversa e oficinas terapêuticas para acolhimento e valorização da troca de saberes entre usuários e profissionais (Brasil, 2003; 2025).

Destaca-se que especificamente na atenção psicossocial tem-se como ações a construção da cidadania, da autoestima e da interação do indivíduo com a sociedade, de modo que a prática clínica exercida na rede de atendimento pressupõe instrumentos e estratégias para a efetivação de ações que visem abordagens terapêuticas no trabalho em saúde mental considerando a melhora e enfrentamento do transtorno psíquico vislumbrando-o em sua dimensão psicossocial, a subjetividade humana e inclusão social (Benevides et. al., 2010).

A articulação entre práticas psicoterapêuticas e saúde mental em perspectiva coletiva tem apontado a compreensão de que os processos subjetivos são produzidos em contextos sociais e relacionais e, portanto, destaca-se a importância de intervenções que considerem o campo relacional e comunitário (Brasil, 2021).

Nesse cenário, abordagens psicoterapêuticas que consideram o campo relacional e a experiência compartilhada, como a Gestalt-terapia, podem dialogar de maneira significativa com as diretrizes das políticas públicas de saúde mental. Em trabalhos anteriores, foram realizadas reflexões sobre atuação específica com grupos de mulheres (Vale; Leite, 2023; Leite, 2023a; 2023b) e também experiências vividas em grupos heterogêneos (artigo ainda em construção). A ampliação da *awareness* pode favorecer processos de cuidado que ultrapassam a dimensão individual e alcançam o campo das relações e da convivência. Destaca-se que se utiliza da compreensão de

awareness como consciência da experiência corporal, emocional e relacional (Alvim, 2016).

Assim, este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre corporeidade, *awareness* e saúde mental coletiva no contexto do trabalho com grupos em Gestalt-terapia, partindo do princípio que o campo de atuação é amplo e propício para desenvolvimento de práticas em qualquer faixa etária, condição socioeconômica, gênero e raça/etnia e fundamentado nas diretrizes do SUS.

2 Corporeidade, *AWARENESS* e processos de saúde mental

A Gestalt-terapia, desenvolvida e articulada por Frederick Perls, Laura Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline (Perls et. al, 1997) fundamenta-se na compreensão do ser humano como um organismo em constante relação com o ambiente. Nessa perspectiva, a experiência vivida no aqui-agora constitui o principal foco do processo terapêutico, sendo o corpo um dos principais meios de expressão dessa experiência.

A noção de corporeidade, na abordagem gestáltica, refere-se à dimensão vivida do corpo, que inclui sensações, movimentos, posturas e formas de presença no mundo. Tais elementos são compreendidos como manifestações do modo como o indivíduo estabelece contato com o ambiente e com os outros. Alvim (2016) destaca que uma forma de se pensar o corpo em Gestalt-terapia é agregando as condicionantes *awareness*, sentimento e comportamento motor integrados em um todo no movimento, que por sua vez, sintetizam o contato.

Na Gestalt-terapia, a *awareness* é considerada um elemento central para o desenvolvimento psicológico e para a promoção da saúde. Trata-se da capacidade de perceber, de forma integrada, aquilo que emerge na experiência presente, incluindo sensações corporais, emoções, pensamentos e aspectos do ambiente relacional (Yontef, 1998).

A corporeidade desempenha papel fundamental nesse processo, uma vez que o corpo frequentemente expressa sinais precoces de necessidades, tensões e estados emocionais. A atenção às manifestações corporais pode possibilitar maior compreensão da experiência vivida e favorecer processos de

autorregulação organísmica (Alvim, 2007; Kepner, 2000; Ginger; Ginger, 1995; Silva et. al., 2014).

Cada interação com o meio ambiente tem algum impacto, cujo grau varia com a intensidade e o significado da interação. Esse impacto gera em nós respostas emocionais e outras respostas corporais. Sentimentos de tristeza envolvem sensações de peso aquecido no peito, aperto no diafragma, constrição da garganta e olhos lacrimejantes. As sensações de excitação incluem sensações de elevação no peito, tremores no estômago e formigamento e sensação de fluxo nos braços e nas pernas (Kepner, 2000; Nóbrega, 2010; Polster; Polster, 2001).

Quando considerada no campo da saúde mental, a *awareness* pode ser entendida também como um recurso de cuidado e prevenção. A ampliação da consciência sobre si mesmo e sobre o modo como se estabelecem as relações contribui para o fortalecimento de vínculos, para o reconhecimento de limites e necessidades e para a construção de formas mais saudáveis de convivência (Silva et. al., 2014). Além disso, a saúde mental não se restringe à ausência de sofrimento psíquico, mas envolve condições que favorecem o desenvolvimento humano, a participação social e a qualidade das relações (Brasil, 2003; 2017).

Para Brito et. al. (2021) é evidente como pesquisas acadêmicas têm abordado com mais frequência as questões da corporeidade, em especial dando ênfase às abordagens psicoterapêuticas com dança e movimento, ressaltando o quanto estas oferecem caminhos renovados para estudar e intervir no sofrimento humano e no desenvolvimento pessoal.

Práticas terapêuticas que valorizam a experiência corporal e relacional podem contribuir significativamente para processos de promoção de saúde (Osório, 2015; Ribeiro, 1994).

3 A dimensão coletiva da experiência no trabalho com grupos

Atividades coletivas tem como objetivo fomentar sociabilidade, afetividade, autoestima, autonomia e promover relações de trocas, vivência de pertencimento e exercício da cidadania (Brasil, 2021).

O trabalho psicoterapêutico em grupo constitui um espaço privilegiado para a articulação entre experiência individual e processos coletivos. Os espaços terapêuticos trabalham as relações interpessoais dos sujeitos aliadas

ao reconhecimento e ao respeito das diversidades existentes no grupo. Na perspectiva gestáltica, o grupo é compreendido como um campo relacional dinâmico, no qual cada participante influencia e é influenciado pelos demais (Ciornai, 2016; Ribeiro, 1994; Tellegen, 1984).

Em Gestalt-terapia, o grupo é compreendido a partir do conceito de campo, onde há uma interligação entre o sujeito e o meio social no qual está exposto (Ribeiro, 1994). Uma totalidade integrativa, opondo-se ao entendimento da mera reunião de indivíduos, formando seus próprios processos, afetando e sendo afetado pelas partes diversas e constituindo-se único.

Para Delacroix (2013) no trabalho com grupos é necessário dar atenção tanto para o indivíduo quanto para o grupo, percebendo os sentimentos e emoções que surgem no campo, dispondo-se de modo a identificar constantemente as questões manifestas em nível corporal, verbalmente ou não, percebendo aquilo que mobiliza ou emociona o grupo. Configura-se como um espaço para a vivência de sentimentos, para o exercício da capacidade de tolerar diferenças, para a reflexão, para experimentação de novas atitudes com o outro, para o aprendizado dos direitos enquanto sujeito existente socialmente e para o estabelecimento de relações solidárias pautadas no cuidado e autocuidado (Boris, 2013; Couto; Macedo, 2020).

As terapias grupais com os usuários dos serviços de atenção psicossocial e da rede pública de saúde possibilitam a atuação interdisciplinar condizente com a prática clínica humana, equânime e resolutiva. As intervenções clínicas apresentam resultados positivos no acompanhamento de diversos agravos e doenças (Benevides et. al., 2010).

Segundo Benevides et. al. (2010), o grupo terapêutico potencializa as trocas dialógicas, o compartilhamento de experiências e a melhoria na adaptação ao modo de vida individual e coletivo. Ainda que alguns pacientes sintam dificuldade de interagir com o grupo – principalmente por estarem diante de pessoas desconhecidas -, é válida a experiência de ouvir e aprender com as histórias de vida dos colegas, o que torna a experiência grupal de muito benefício e desenvolvimento.

Nesse cenário, a corporeidade torna-se um elemento importante para a compreensão das relações estabelecidas no grupo. Gestos, posturas,

movimentos e formas de presença no espaço podem revelar modos de contato e padrões relacionais que emergem no encontro entre os participantes (Alvim, 2007).

A *awareness*, quando ampliada no contexto grupal, possibilita que os indivíduos reconheçam não apenas suas próprias experiências, mas também os efeitos de suas ações no campo coletivo. Esse processo contribui para o desenvolvimento de maior sensibilidade relacional e para a construção de formas mais conscientes de convivência (Alvim, 2007; 2016; Yontef, 1998).

Do ponto de vista da saúde mental coletiva, os grupos terapêuticos podem funcionar como espaços de produção de cuidado compartilhado. A troca de experiências, o reconhecimento mútuo e a construção de vínculos favorecem a emergência de processos de apoio e de pertencimento, aspectos importantes para a promoção da saúde mental (Couto; Macedo, 2020).

Franco et.al. (2024) problematizam que intervenções em grupo na atenção básica são uma forma importante de cuidado, pois para além dos desafios enfrentados na temática de transtornos mentais, escassez de recursos e serviços, alguns progressos significativos foram identificados com a inserção de grupos terapêuticos no sistema, como ir além das práticas convencionais oferecidas e proporcionar não somente aos usuários, mas também às equipes de saúde a oportunidade de reflexão de alternativas para promover mudanças nas formas de atenção à saúde mental.

4 Experimentação corporal e promoção de saúde mental em grupos

A experimentação é um recurso central na prática clínica da Gestalt-terapia. Por meio dela, os participantes são convidados a vivenciar experiências que ampliem sua consciência sobre si mesmos e sobre o campo relacional no qual estão inseridos (Polster; Polster, 2001; Rhyne, 2000; Stevens, 1988; Zinker, 2007).

De acordo com Stevens (1988) várias técnicas ou experimentos podem ser utilizados trazendo benefícios ao trabalho com grupos, podendo ser favoráveis no que tange ao principal objetivo da abordagem gestáltica, que é desenvolver/ampliar o processo de *awareness*.

A literatura aponta que trabalhos terapêuticos no âmbito da saúde mental podem ser de diversas formas: atividades motoras (esportes, dança,

trabalhos de manuseio de materiais), sociais (festas, teatros, datas comemorativas) auto expressivas (trabalhos com cerâmica, pintura), as quais ampliam a habilidade e a autonomia dos indivíduos e auxiliam na realização de seu potencial de expressão e criação (Benevides et.al., 2010).

No contexto grupal, os experimentos corporais podem favorecer a ampliação da *awareness* e contribuir para processos de cuidado em saúde mental. Exercícios de percepção corporal, movimentos no espaço, práticas de atenção à respiração e dramatizações são exemplos de intervenções que podem estimular o contato com a experiência presente (Rhyne, 2000). Trabalhos com dança e movimento têm apontado importantes resultados sobre autoestima, empoderamento e autoconhecimento (Brito et.al, 2021; Leite, 2023a; 2023b; Osório, 2015; Vale; Leite, 2023).

Essas práticas permitem que os participantes reconheçam padrões corporais e relacionais, muitas vezes automatizados, e experimentem novas formas de contato consigo mesmos e com os outros. Tal processo pode contribuir para o fortalecimento da autonomia, da expressão emocional e da capacidade de estabelecer relações mais saudáveis (Perls et. al., 1997).

Além disso, o trabalho corporal em grupo pode favorecer a construção de ambientes terapêuticos mais acolhedores e participativos, nos quais o cuidado é compartilhado e construído coletivamente (Silva et.al., 2014).

É fundamental repensar a forma como o ser humano lida com seu corpo, sendo este de grande influência para a compreensão de si. A corporeidade é a experiência como totalidade, unidade mente-corpo, experiência total do corpo. *Quando me expresso através do corpo, o que quero comunicar?* A reflexão não tem uma resposta única, pois se constitui de forma subjetiva na história de vida de cada indivíduo. É na interação com o mundo e o outro que os indivíduos se configuram e se expressam como seres, afetando e sendo afetados, vendo e sendo vistos, tocando e sendo tocados, em uma interação singular que se dá em um dado momento em um dado contexto e tempo (Nóbrega, 2010; Polster; Polster, 2001; Rocha, 2013).

Nessa perspectiva, a articulação entre corporeidade, *awareness* e grupo configura um importante recurso para intervenções voltadas à promoção da saúde mental em contextos coletivos.

5 Considerações finais

A relação entre corporeidade, *awareness* e saúde mental coletiva evidencia a relevância de práticas terapêuticas que considerem o ser humano em sua dimensão integral e relacional. Na Gestalt-terapia, o corpo constitui um importante meio de acesso à experiência e um recurso fundamental para o desenvolvimento da consciência de si e do campo relacional.

No trabalho com grupos, essa dimensão torna-se ainda mais significativa, uma vez que o encontro entre diferentes experiências amplia as possibilidades de contato, reflexão e transformação. A *awareness*, nesse contexto, pode ser compreendida não apenas como um processo individual, mas também como um fenômeno que se constrói no campo coletivo.

Dessa forma, a incorporação da corporeidade nas práticas grupais em Gestalt-terapia pode contribuir para o fortalecimento de processos de cuidado em saúde mental coletiva, promovendo espaços de escuta, presença e construção de vínculos.

Considera-se, portanto, que a articulação entre corpo, grupo e *awareness* representa um caminho promissor para o desenvolvimento de práticas clínicas e comunitárias comprometidas com a promoção, prevenção e recuperação da saúde mental e com a valorização da experiência humana em sua complexidade.

Referências

ALVIM, Mônica Botelho. Experiência Estética e corporeidade: fragmentos de um diálogo entre Gestalt-terapia, Arte e Fenomenologia. *Estudos e pesquisas em psicologia*, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 138-146, abr. 2007.

_____. O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lílian Mayer; FUKUMITSU, Karina. *O. Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. v. 4, Editora Summus, São Paulo: 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Presidência da República. Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 06 abril 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria de Consolidação n. 3, de 28 de Setembro de 2017. Consolidação das normas sobre as redes do Sistema Único de Saúde. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 set 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria GM/MS n. 3588 de 21 de dezembro de 2017. Altera as Portarias de Consolidação no 3 e n. 6,

de 28 de setembro de 2017, para dispor sobre a Rede de Atenção Psicossocial, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 21 dez 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria n. 2.488, de 21 de outubro de 2011. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 21 out 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Presidência da República. Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 set 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein. Nota técnica para organização da rede de atenção à saúde com foco na atenção primária à saúde e na atenção ambulatorial especializada – saúde mental. São Paulo, SP, 2021.

BENEVIDES, Daisyanne Soares; PINTO, Antonio Germane Alves; CAVALCANTE, Cinthia Mendonça; JORGE, Maria Salete Bessa. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. *Interface - Comunic., Saude, Educ*, v.14, n.32, p.127-38, jan./mar., 2010.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Grupos gestálticos: uma proposta fenomenológica de facilitação da cooperação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 1124-1158, 2013.

BRITO, Rafaella Medeiros de Mattos; GERMANO, Idilva Maria Pires; SEVERO JUNIOR, Raimundo. Dança e movimento como processos terapêuticos: contextualização histórica e comparação entre diferentes vertentes. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.28, n.1, p.147-165, jan.-mar. 2021.

CIORNAI, Selma. Abordagem gestáltica no trabalho com grupos. In: FRAZÃO, Lilian M.; FUKUMITSU, Karina O. *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2016. p. 168-186.

COUTO, Cristiane; MACEDO, Maria Luisa de. Estudo de caso: um grupo terapêutico pelo olhar da gestalt-terapia. *Boletim Entre SIS*, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 1, p. 54-66, set. 2020.

DELACROIX, Jean-Marie. Le processus groupal dans une perspective de champ. *Cahiers de Gestalt-thérapie*, n. spécial, p. 55-70, 2013.

FRANCO, Renato Soleiman; SABINO, Evellyn de Souza José; BARROS, Alice Cioni de Toledo; MESADRI, Isadora Roberto; SANTOS, Maiara Raíssa dos; BORBA, Nahuana Alves. Vivência de grupo de apoio em saúde mental na

atenção primária: um relato de experiência. *Rev Bras Med Fam Comunidade*. 2024;19(46):3901. [https://doi.org/10.5712/rbmfc19\(46\)3901](https://doi.org/10.5712/rbmfc19(46)3901)

GINGER, Serge; GINGER, Ane. *Gestalt: uma terapia do contato*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1995.

KEPNER, Elaine. Gestalt group process. In: FEDER, B.; RONALL, R. (Org.). *Beyond the hot seat: gestalt approaches to group*. New York: Brunner/Mazel, 1980.

KEPNER, James I. *Proceso corporal: un enfoque Gestalt para el trabajo corporal en psicoterapia*. pref. Por Joseph C. Zinker; tradução por Jorge Abenamar Suárez Arana. 1a. ed., reimp. México: Editorial El Manual Moderno, 2000.

LEITE, Ana Paula Chagas Monteiro. Dança do ventre, autopercepção corporal e conhecimento de si: uma leitura fenomenológica pela Gestalt-terapia. *Tese (Doutorado) Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia*, Belém, 2023a.

LEITE, Ana Paula Chagas Monteiro. A integração eu-corpo na dança do ventre: relato de uma formação. In: PEDROSO, Janari da Silva; SILVA, Carolina Ventura; BRANDÃO, Fernando Mateus Viégas (org.). *Ciência da palhaçaria: estudos teóricos e práticas em saúde mental*, 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida. (Série Saúde Mental Coletiva, v. 8), 2023b.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: editora Livraria da Física, 2010. Coleção contextos da ciência.

OSÓRIO, Gina Paola Ardila. Possibilidades e limites da dança para o empoderamento das mulheres: um olhar da saúde coletiva. *Dissertação de Mestrado (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Mestrado em Ciências, Programa de Medicina Preventiva, SP)*. 2015.

PERLS, Friederick. S.; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. *Gestalt-terapia*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. *Gestalt-terapia integrada*. Belo Horizonte: Interlivros, 2001.

RHYNE, Janie. *Arte e Gestalt: padrões que convergem*. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Gestalt-terapia: o processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria de campo e holística*. São Paulo: Summus, 1994.

ROCHA, Maristela. Corpo e gestalt: vida em movimento. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, Três Corações, v. 11, n. 2, p. 527-534, ago./dez. 2013.

SILVA, Carla do Eirado; OLIVEIRA, Cíntia Siqueira de; ALVIM, Mônica Botelho. Diálogos entre a Gestalt-terapia e a dança: corpo, expressão e sentido. *Rev. Ciénc. Ext.* v.10, n.3, p.41-55, 2014.

STEVENS, John O. *Tornar-se presente: experimentos de crescimento em Gestalt-terapia*. [tradução Maria Júlia Kovacs, George Schlesinger]. 14.ed. (Novas Buscas em Psicoterapia. v.1.). São Paulo: Summus editorail, 1988.

TELLEGEN, Therese. A. *Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica*. São Paulo, Summus, 1984.

VALE, Kamilly Souza do; LEITE, Ana Paula Chagas Monteiro. Psicoterapia gestáltica em grupo para mulheres: reconhecimento de si e empoderamento feminino. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*. v. XXIX, n.1., 2023.

YONTEF, Gary. *Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, Joseph. C. *O processo criativo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2007.